

A relação da linguística interacional com o funcionalismo norte-americano

Jair Barbosa da Silva¹.

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade discutir de que modo o Funcionalismo norte-americano, aqui representado por Givón (1995), se relaciona com a Linguística Interacional (LI), conforme proposta de Morato (2004) e Faraco (2005). Seria o Funcionalismo um domínio da LI? Ou são paradigmas distintos? Defendemos a tese de que *o Funcionalismo não é um domínio da Linguística Interacional*, mas sim um paradigma de investigação da (língua)gem.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo, Linguística Interacional, paradigma e domínio linguísticos.

ABSTRACT: This article aims to discuss how the American Functionalism, here represented by Givón (1995), relates to Interactional Linguistics (LI), as proposed by Morato (2004) and Faraco (2005). Functionalism would be an area of LI? Or are they distinct paradigms? We support the thesis that *functionalism is not a field of Interactional Linguistics*, but a paradigm of research language.

KEY-WORDS: Functionalism, Interactional Linguistics, linguistic paradigm and domain.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente o estudo científico da linguagem tem-se dividido basicamente em duas grandes vertentes: a formal e a funcional. É comum verificar esse tipo de divisão na Linguística Moderna em manuais de iniciação aos estudos linguísticos. Em Berlinck *et. al.* (2001: 210), por exemplo, lê-se

Apesar das inúmeras diferenças de abordagem, é possível cindir as propostas de análise segundo duas grandes tendências, que constituem as **duas vias principais pelas quais se tem desenvolvido os estudos linguísticos de modo geral nesse século. São elas o Formalismo e o Funcionalismo.** [grifos nosso]

As autoras, no trecho transcrito, estão apresentando as duas principais vertentes por que se tratam a Sintaxe. Fica claro, no entanto, que não só a Sintaxe, mas também a Morfologia e a Fonologia podem comportar diferenças de abordagem.

O presente artigo visa, pois, discutir de que forma o que se tem chamado de Linguística Interacional tem relação com o Funcionalismo norte-americano proposto por Givón (1995) e o tipo dessa possível relação. Para tal, será feita uma breve descrição da

¹ Doutorando em Letras e Linguística, pela Universidade Federal de Alagoas. Contato: jayjs@uol.com.br

proposta funcionalista norte-americana e, a partir de Morato (2004), Faraco (2005), apresentar-se-ão, embora de modo sumário, os principais pressupostos do que se tem chamado de Linguística Interacional. Além dos autores citados, o trabalho de Saraiva (2001), cujo objetivo é verificar como se dá um trabalho de base funcionalista norte-americano givoniano, ilustrará as discussões do presente artigo no sentido de encaminhá-las a para a sustentação da seguinte tese: *o Funcionalismo não é um domínio da Linguística Interacional*.

Serão tomadas com perguntas-guia do texto as seguintes: a) O Funcionalismo se insere dentro do paradigma da Linguística Interacional? b) O que os pressupostos do Funcionalismo têm de Interacional? É evidente que, pelo caráter ensaístico deste trabalho, as respostas às perguntas apresentadas podem não ser suficientemente aprofundadas. Trata-se de um tema excessivamente abrangente e por demais complexo, fluido e até novo.

Este texto apresenta a seguinte subdivisão: *pressupostos básicos do Funcionalismo, um modelo de aplicação, pressupostos básicos da Linguística Interacional* e, por último, *considerações finais*.

1. Pressupostos básicos do funcionalismo

Resenhar os pressupostos do Funcionalismo, desde o princípio, evidenciando todas as suas implicações e contribuições para a Linguística Moderna, demandaria um tempo e espaço dos quais não se dispõe pela natureza deste trabalho. No entanto, sente-se a necessidade, para efeito de argumentação em prol da ideia de que o Funcionalismo constitui um paradigma dentro da Linguística, de se evidenciar o que lhe dá sustentabilidade em termos conceituais. Em sendo assim, observe-se o que propõe Neves (1997, p. 46), com base em Dik (1989):

- *Língua* – instrumento de interação social;
- *Função da língua* – comunicação;
- *Correlato psicológico* – competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua;
- *O sistema e seu uso* – o estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso;
- *Língua e contexto/situação* – a descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto;
- *Aquisição de linguagem* – faz-se com a ajuda de um *input* extenso e estruturado de dados apresentados no contexto natural;

- *Universais linguísticos* – explicados em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais;
- *Relação entre sintaxe semântica e pragmática* – a pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estruturadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Antes de tudo, convém observar que o termo *interação* aparece explicitamente no primeiro e terceiro² pressupostos, e de modo implícito nos demais³, o que pode ser sugestivo no direcionamento de incluir o Funcionalismo no domínio da Linguística Interacional. Contudo, há de se ter alguma prudência nisso, pois a terminologia, ao que parece, não é suficiente para legitimar tão complexo processo: distinção paradigma vs. domínio ou inclusão vs. exclusão de áreas ou subáreas linguísticas ou de qualquer outra natureza.

É pertinente observar que todos os pressupostos acima transcritos dizem respeito ao estudo da língua e não da linguagem; quando se fala em funcionalismo em Linguística parece se está falando duma teoria de língua, pois. Para Cunha *et al.* (2003, p. 29) “a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. Ainda para esses autores, “segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é movida pela situação comunicativa” (Cunha *et al.*, p. 29).

2. A proposta funcionalista de Givón

Apesar de haver diversas perspectivas de estudos funcionalistas, todos os funcionalismos admitem o postulado da não autonomia da língua, ou seja, a gramática não pode ser entendida de forma isolada, sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução, (Givón, 1995). Mais uma vez cabe o reforço, a partir do que sugere Givón, de que a Linguística Funcional, ou simplesmente o Funcionalismo, não está preocupado em entender a interação entre os sujeitos, as condições do sujeito diante da língua ou da sociedade, muito menos as intenções dos falantes ou dos autores de um dado texto, nem

² Por meio da forma verbal *interagir*.

³ Expressões como *comunicação, uso, funcionamento, dados apresentados* sugerem a noção de interação, de dois, de opção de escolha, dentro do sistema da língua, de determinadas estruturas em detrimento de outras, para “cumprir” uma dada função comunicativa.

as ideologias, nem o dialogismo, nem as relações do tipo médico/paciente, professor/aluno, patrão/empregado, marido/mulher etc.

Quando o referido autor considera que a gramática, ou seja, as estruturas de uma dada língua, não pode ser entendida por si mesma, o faz em oposição às perspectivas formais de análise linguística, como o gerativismo, por exemplo. Isso não legitima, no entanto, a ideia de que o Funcionalismo seja um domínio da Linguística Interacional até porque o foco de investigação é a gramática da língua e não a interação. A referência a parâmetros como: cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução é feita exatamente porque tais parâmetros condicionam as estruturas da língua.

Parece ser ingênuo considerar que isso – a recorrência aos parâmetros relacionados – permite a inclusão do Funcionalismo como domínio da Linguística Interacional, a menos que esta seja algo muito geral, sem delimitação de qualquer natureza, de tal forma a “abarcá-lo” tudo que mencione o termo interação.

De acordo com Givón (1995, p. 09) são princípios basilares do Funcionalismo:

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
- A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- A mudança e a variação estão sempre presentes;
- O significado é dependente do contexto e não-atômico;
- As categorias não são discretas;
- A estrutura é maleável, não-rígida;
- As gramáticas são emergentes;
- As regras da gramática permitem desvios, exceções.

Como se pode observar, os princípios acima transcritos estão todos relacionados à língua, à gramática da língua e não à interação na língua. O foco, com o perdão do reforço, é a língua: sua estrutura gramatical, suas funções. Aqui é válido ressaltar que já se está lidando com um Givón menos radical, o qual já aceita a estrutura da língua, embora sendo ela maleável, postura não admitida por esse autor em obras anteriores a 1995.

A partir da breve descrição do que sugere Givón (1995) para a análise das estruturas da língua, observe-se um modelo de aplicação de sua teoria no trabalho de Saraiva (2001) resumidamente apresentado abaixo. Conforme esta linguista, “a abordagem funcionalista vem

insistindo na correlação um-a-um entre *forma* e interpretação *semântico-pragmática* numa proporção muito maior do que usualmente tem sido admitida por outras correntes linguistas atuais”, (Saraiva, 2001, p. 36). Em outras palavras, quer dizer a autora que “se deve buscar uma motivação funcional para os aspectos estruturais investigados”.

3. Um modelo de aplicação da proposta de Givón

SARAIVA (2001), tomando como fundamento teórico o Funcionalismo givoniano, analisa a incorporação sintático-semântica do objeto direto representado por um *SN nu* ao verbo no discurso narrativo oral do português⁴. Para Saraiva (Op. cit.), em construções como:

- (1) Ontem Maria passou **roupa** a tarde toda.
- (2) Papai sempre lia **jornal** depois do almoço.
- (3) [] o Carlos meu maRIdo... ele **troca FRAL::da...** ele não la::va... não pa::ssa...MAS ele **troca FRAL::da... dá mamaDEIra ...** CUIda da meNIna né?
- (4) [] ele:: um dia:: me abordou na saída... dizendo que **lia mãos** para saber a sorte das pessoas...

não há qualquer tipo de determinante ou de modificador entre o verbo e o objeto, de tal forma que o verbo e o objeto formam um *todo*, uma ideia unitária, a que Saraiva chama de *objeto incorporado*.

Para desenvolver seu trabalho, a referida autora toma como foco de investigação as seguintes perguntas-problema: a) “*Em português haveria maior índice de ocorrência do SN nu objeto em estruturas de Fundo ou de Figura?*” e b) “*Que tipos de verbos favorecem a incorporação nominal em português?*”. Com base nestas questões, Saraiva verifica os aspectos pragmáticos, os traços semânticos e a manifestação sintática do objeto incorporado, de modo a cumprir um pressuposto básico do Funcionalismo, ou seja, aquele que reza a integração dos três componentes: o sintático, o semântico e o pragmático.

Do ponto de vista semântico, um SN nu apresenta os seguintes traços: [-I, -M]⁵, o que dá ao verbo mais ao SN um sentido único. Para Saraiva (2001, p. 21) a característica [-M] “indica que o nome é interpretado como um *conceito*, um feixe de traços definitórios de sua

⁴ Cf. Saraiva (2001).

⁵ [-I] – Menos identificável; [-M] – Menos foco nos membros integrantes da classe.

classe”. Já sob o enfoque discursivo, a incorporação se presta à caracterização e à descrição de algum tipo de atividade, não se aplicando, pois, a narrações do *realis*, haja vista que estas pressupõem objetos e ou eventos específicos, (Saraiva, Op. cit.).

Argumenta Saraiva (Op. cit., p. 31)

como o objeto incorporado tem uma função classificatória, ‘quantificadora’, com referência à ação ou processo expressos pelo verbo, não sendo usado para introduzir ou retomar participantes do discurso, justifica-se sua maior incidência no Fundo⁶.

Uma coisa leva à outra. Se um objeto incorporado apresenta os traços [-I] e [-M], sua maior incidência é no Fundo e, em assim sendo, do ponto de vista sintático, esse tipo de SN aparece sempre adjacente ao verbo, tanto que a ele é incorporado, e, portanto, é destituído de saliência tópica, o que, para Saraiva, é iconicamente harmônico com sua maior distribuição no plano discursivo de Fundo.

Como se pode observar, a partir da sumária descrição do trabalho dessa linguista, o qual tem como base a proposta de Givón (1995), o enfoque dado é à língua enquanto estrutura funcionalmente motivada por fatores de ordem discursiva. Onde fica a Interação nisso? Parece não ficar!

4. Pressupostos básicos da linguística interacional

Quando se fala em Interação em Linguística, o primeiro entrave a ser superado diz respeito à terminologia. Afinal, o que é interação? Ela é objeto analítico ou um fenômeno que pode ser apreendido quando da análise de outros objetos de análise da língua? Certamente são questões difíceis de responder, porém, fundamentais para aqueles que ousam trabalhar com interação ou reivindicam-na para si, autodenominando-se *interacionista*. Segundo Faraco (2005), aos que assim agem, recai sobre si o ônus da prova. Em outros termos, os interacionistas têm de provar que fazem ciência.

Como é mostrado em Faria (2003, p. 57), “o cenário básico da interação é a conversação que se faz frente a frente”, muito embora o uso da linguagem envolva outras esferas de ação. Para essa autora,

⁶ Descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da *figura*, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos.

Nos diferentes tipos de discurso, existe, normalmente, mais de uma esfera de acção. Por exemplo, as acções implicadas ao escrever uma história são diferentes das implicadas por quem está a contar essa mesma história perante uma audiência que, por sua vez, poderá vir a implicar novas acções ao contar a história posteriormente. (Faria, 2003, p. 58).

A perspectiva de interação tomada pela autora é por demais “arrumadinha”; é aquela que em *Análise da Conversação* se rotula de *interação face a face*. Em outra passagem a autora diz que ao se tomar a interação verbal como objeto analítico há de se considerar a *cooperação* mínima entre os sujeitos locutores que veiculam informações. É bem verdade que essa é uma possibilidade de investigação da interação, no entanto, conforme sugerem Faraco (2005) e Morato (2004) o que se tem chamado de Linguística Interacional ou ainda de interacionismo linguístico ou de linguagem na interação é algo bem mais abrangente que a conversação face a face e suas possíveis “acções implicadas”.

Na primeira linha do texto de Faraco se lê:

A interação e a linguagem na interação são fenômenos de alta complexidade por envolverem múltiplos fatores e múltiplas relações. Se alguns desses fatores e relações estão razoavelmente descritos, (...), boa parte escapa ainda de uma apreensão mais consistente (...). é preciso, portanto, reconhecer, de início, que estamos ainda muito distantes de uma apreensão teoricamente integrada desses fenômenos que envolvem múltiplos fatores e múltiplas relações. (Faraco, 2005, p. 01).

A mesma preocupação evidenciada em Faraco, conforme transcrição acima, se pode apreender em Morato (2004, p. 314) “nem sempre foi e é fácil discernir as tendências que se reivindicam ou se reputam interacionistas, seja no campo linguístico, seja fora dele”.

Dentre as questões que levam os linguistas ditos interacionistas, a exemplo de Faraco e Morato, a questionarem o que de fato é a Linguística Interacional ou a interação na Linguística, pode-se citar os fatores epistemológicos, o esvaziamento do termo interação, bem como seu carácter polissêmico, além da ignorância por parte dos que se dizem interacionistas acerca da interação. Para Morato (Op. cit., p. 315),

aquilo que chamamos algo genericamente de interacionismo parece ser de fato um mosaico de inteligibilidade e métodos. Além disso, se investirmos a análise do termo (...), haveremos de perceber que nem sempre o (mero) emprego do termo interação é suficiente para qualificar determinada reflexão como ‘interacionista’.

Nisso parece residir um dos argumentos de que se lançou mão no início deste artigo para sustentar que o Funcionalismo, porque se utiliza em seus princípios do termo interação, não se constitui como domínio da Linguística Interacional. Ainda que se leve em

consideração o *caráter híbrido*, que se evite o *sectarismo teórico*, é pertinente lembrar que o objeto de análise da Linguística Interacional, conforme prevê Morato, é a interação, já o do Funcionalismo é a gramática. Para essa linguista, “o interacionismo tem sido capaz de marcar uma disposição de tomar a interação como *uma das categorias de análise [grifos nossos]* dos fatos de linguagem, e não apenas o *locus* onde a linguagem acontece como espetáculo”, (Morato, Op. cit., p.315).

Também em Morato (2004, p. 316), se lê o seguinte trecho “enquanto categoria de análise, a interação permite que se discutam, pois, a qualidade as circunstâncias da reciprocidade de comportamentos humanos diversos, em variados contextos, práticas e situações”.

Não raro, defende Morato, a interação na Linguística “tem sido reduzida a uma espécie de ‘curinga categoria’ de várias abordagens heterogêneas, que servem a propósitos teóricos e metodológicos muito diversos”. Isso decorre exatamente do hibridismo do termo ou, nos termos de Faraco, do “consórcio de disciplinas” que lidam com a interação. Como bem lembra este autor, “antes de ser objeto de análise científica a interação foi tema da reflexão filosófica já desde o século XVII”. (FARACO, 2005, p. 08).

Visando manter o paralelismo para a rotulação dos subitens do presente trabalho, usou-se “**Pressupostos Básicos da Linguística Interacional**” como título do item 4. No entanto, ao menos a partir dos dois textos norteadores das discussões aqui apresentadas, não se conseguiu extrair, ao contrário do que ocorreu com o item 2, Pressupostos Básicos do Funcionalismo, tais pressupostos. Ambos os textos, (Faraco (2005) e Morato (2004), expõem muito mais problemas acerca da Linguística Interacional ou da Interação na Linguística do que pressupostos propriamente ditos. Talvez, dada a complexidade do tema – interação – não se possa traçar, de forma categórica, pressupostos básicos *a priori*. Parece ser um reinventar-se constante ou como defende o filósofo Emmanuel Lévinas, *apud* Faraco (2005, p. 11),

não é possível reduzir a interação ao proposicional, porque antes de ser um objeto de conceitualização, a interação é desde sempre uma relação que nos obriga a responder à face (à exterioridade do outro): antes e para além de ser objetivada, a inter-relação é, portanto, vivida.

Seja como for, aos interacionistas, cabe a prudência, o aprofundamento sobre a interação na e pela linguagem. Parece haver a necessidade de delinear melhor o que compete a esse campo de investigação. Do contrário, os interacionistas estarão, como sugere, Faraco, fadados a arcar com “o ônus da prova” constantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez por ignorância, talvez por radicalismo, não sabemos... Fato é que não conseguimos conceber o Funcionalismo, uma teoria de língua, como um domínio da Linguística Interacional, uma possível teoria de linguagem. A interação, “fenômeno de mil faces”, na perspectiva faraquiana, por possuir caráter social, heterogêneo, dialogizante é, diferentemente da gramática, cujas bases parecem estar mais bem traçadas, fluida, escorregadia e, portanto, digna de estudos e discussões mais contundentes do que um insipiente “ensaio” assinado por um leigo no assunto.

REFERÊNCIAS

CUNHA, M. A. F. da. *et. al.* Pressupostos teóricos fundamentais. IN: CUNHA, M. A. F da *et. al.* *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 29 - 55.

FARACO, C. A. *Interação e linguagem: balanço e perspectivas*. Conferência apresentada no Congresso Interacional de Linguagem e Interação, 2005.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

MARTELOTTA, M. E. e AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. IN: CUNHA, M. A. F da *et. al.* *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 17-28.

MORATO, L. O interacionismo no campo linguístico. IN: MUSSALIN, F. e BEBTES, A. C. *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, M. H. M. *Uma visão geral da gramática funcional*. São Paulo: Alfa, 1994, n. 38, p. 109-127.

NEVES, M. H. M. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Estudos funcionalistas no Brasil*. DELTA, 1999, v.15 (n.esp.), p.72-104.

SARAIVA, M. E. F. Iconicidade e a distribuição do objeto incorporado no discurso narrativo oral do português. IN: DECAT, M. B. N. *et. al.* *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 15 - 40.

VOTRE, S. J. e OLIVEIRA, M. R. de. *Givón, T. (1995) Functionalism and Grammar*. DELTA, 1997, vol.13, n. 2, p.331-340.

Aceito para publicação em 15 de novembro de 2011.